

CHIPRE: A PROVA QUE A CRISE DO EURO É UM INCENTIVO À CRIATIVIDADE

Pedro de Almeida Cabral

Quando se esperava que as soluções para gerir os sucessivos episódios da crise do Euro já tivessem estabilizado, a União Europeia resolveu demonstrar que também sabe pensar fora da caixa.

Até agora, para evitar levantamentos descontrolados e a descapitalização dos sistemas bancários nacionais, nenhuma das intervenções da Troika tinha envolvido o confisco de depósitos bancários. E havia boas razões. Para além de haver uma garantia europeia de € 100.000 para depósitos no caso de falências dos bancos, o sistema bancário dos países periféricos poderia sair fortemente abalado e verificar-se uma corrida aos levantamentos. Já para não falar de ser extremamente injusto confiscar depósitos de pequenos montantes sem qualquer tipo de progressividade.

Os relatos que chegam das negociações entre as autoridades cipriotas e os responsáveis europeus e o FMI no passado fim de semana são elucidativos. Ninguém quer assumir a paternidade da ideia do confisco.

Ao contrário do que se diz, o Chipre não está inocente. A economia do país assentou numa enorme plataforma de depósitos bancários sem controlo, protegidos por uma ausência de tributação e pelo sigilo bancário. O que surpreende é como é que se deixou o Chipre ingressar na zona Euro. E, a acreditar nos relatos das reuniões, é o Chipre que recusa aumentar para além de 10% o confisco sobre os depósitos superiores a € 100.000, para proteger esta indústria financeira.

Neste momento, ainda não se sabe quando tornarão a abrir os bancos no Chipre. Mas parece certo que, mal abram, o rombo nos depósitos será enorme. Pois ninguém querera correr o risco de ser confiscado. Ou seja, as necessidades de financiamento do Chipre estão prestes a aumentar significativamente, o que demonstra, sem dúvida, que estamos perante ideias brilhantes para gerir este assunto.

Como os bancos cipriotas dependem do Banco Central Europeu, é difícil imaginar uma solução consistente que envolva a Rússia. Aliás, a intervenção russa num eventual resgate parece ser mais uma forma de pressão sobre a União Europeia do que uma possibilidade real. Até porque o anterior presidente cipriota, próximo de Moscovo, tentou negociar um acordo de assistência financeira com a Rússia durante meses e não obteve resultados.

O que resta? O habitual. A crise do Euro continua a ser gerida com base na punição e na ameaça de forçar a saída do Euro, encerrando países em vez de procurar apoiá-los com realismo. O Chipre deverá aprovar um novo plano de resgate e ficará com uma crise de confiança no seu sistema bancário que levará muito tempo a ser resolvida. Os países periféricos, incluindo Portugal, saberão que nunca estará completamente excluída a possibilidade de ocorrer um confisco nos seus depósitos bancários. E a Europa continuará a ser gerida em cimeiras curtas, com ideias brilhantes que ninguém quer assumir.

O presente artigo reflete apenas a opinião pessoal do seu autor, não vinculando a Macedo Vitorino & Associados. As opiniões expressas neste artigo que versem sobre assuntos jurídicos são de carácter genérico, pelo que não deverão ser consideradas como aconselhamento profissional. Caso necessite de aconselhamento jurídico sobre estas matérias deverá contactar um advogado. Caso seja cliente da Macedo Vitorino & Associados, pode contactar-nos através de email dirigido a mva@macedovitorino.com.